N. 87 Ovar, 12 de Janeiro de 1908 Anno II

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrip m, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes

O NACIONALISMO

Na assembleia geral dos progressistas em Lisboa houve quem propozesse: 1.º a liberdade de cultos—2.º a secularisação do ensino—3.º a separação da Egreja e do Estado.

Resolveu-se enviar esta proposta, que não se approvou, nem regeitou, á commissão, que hade formular o novo programma d'aquelle partido.—

Quer figure, ou não, no novo programma, é já muito significativo o ter sido alli apresentada, e não ser desattendida immediatamente.

Os nacionalistas, que os jesuitas dirigem, agitam a sociedade catholica, estão provocando a reacção dos governos, obrigando-os a medidas repressivas e severas.

Vivia a egreja lusitana em socego, em boa harmonia com o Estado—os governos, pelo seu descuido, deixaram lavrar o jesuitismo, que fundou conventos, e seminarios, *nos quaes ordena sacerdotes*, associações de varia especie, escholas e asylos, influe nas nomeações dos bispos e de todos os parochos, capta heranças e donativos, aspira ao predominio pela riqueza,—aliciando as classes operarias pelos circulos e por esse socialismo christão, que visa a destruir o **trabalho livre e o direito de propriedade.**—Voltaremos a este ponto.

O patriarcha resignatario ordenou-se no Varatojo e sem mais habilitações, com uma construcção das mais elementares, appareceu despachado bispo do Ultramar, e de lá veio transferido para a Sé principal do reino. Percebe-se quem o fez despachar, e quem o levou á renuncia da mitra.

Indo em viagem a Roma, foi avisado n'uma cidade de Hespanha, que se lá chegasse, não voltaria, e seria nomeado prior de Santo Antonio dos Portuguezes—para evitar este perigo, fingiu-se doente, e retrocedeu.

Agora sempre renunciou, mas tambem se arrependeu; o pontifice não attendeu ao seu arrependimento—e foi substituido pelo bispo do Algarve, sr. Mendes Bello, **sem o placet** do governo, que assim **desistio** de uma das regalias mais antigas e mais necessarias nas relações do Estado com a Egreja, dando uma prova frisante da sua alliança com os nacionalistas.

Tanto á democracia constitucional, como á republicana, interessa o resistir ao movimento encetado pela egreja, que hoje não se liga, nem **se pode ligar** a nenhum partido secular, a não ser o seu, e se um dia lhe convier uma revolução contra a dymnastia actual, não deixará de dar áquella o seu appoio, e até de promovel-a.

Por muitos seculos foi a egreja catholica o esteio mais forte das monarchias absolutas—este facto illudia os que não acreditavam n'um revolvimento clerical tão extraordinario como era esse em que se tornava democratica, não para favorecer a democracia, mas para dominal-a.

Entre nós alguns jornalistas, e dos mais esclarecidos, não regateavam os louvores mais sinceros a Leão XIII, não vendo, que os seus conselhos ou avisos ao clero francez para se moderar contra a republica apenas significavam a conveniencia de a não incitar contra as associações catholicas, de varias formas, que se iam criando

Nós sempre escrevemos n'este sentido, e portanto não fomos illudidos.

A moderação de Leão XIII era um calculo.

Preciso é não esquecer, que o papa infallivel Pio IX condemnou todo **«o que sustentasse dever o papado reconciliar-se com a civilisaçãs moderna.»**

Não ha pois accordo possivel entre a egreja romana e os governos seculares.

Dos canones do concilio do Vaticano, já aqui reproduzidos, não póde sahir senão a escravidão theocratica, n'elles patente.

A egreja não recúa, a sua acção é continua, só temporisa: dispõe de muitos e poderosos meios—urge, que os governos liberaes encarem seriamente a nova phase d'esse poder cosmopolita, para o qual não ha raias, e que domina a consciencia do maior numero nas nações catholicas, e preteude dominar toda a ordem civil e politica.

Os padres, que á ultima hora se declararam pelo snr. Franco, são nacionalistas mal encobertos.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida Medeiros.

A ALLIANÇA INGLESA

Com a segunda metade do seculo findo iniciaram-se as grandes explorações scientificas do continente africano.

O industrialismo affirmava-se finalmente como o espirito novo das sociedades modernas e lançava as nações no disputado caminho dos grandes emprehendimentos scientificos e da actividade fabril commercial.

Era a edade nova do utilitarismo, norma do pensamento moderno, succedendo emfim ao periodo agitado das convulsões e das controversias da liberdade doutrinaria, que a grande revolução franchêsa iniciára.

A par com o espantoso desenvolvimento industrial rapidamente attingido por alguns povos, appareceu, sua immediata consequencia, a necessidade, imperiosa, de novos mercados que dessem consumo aos productos das grandes industrias.

A Inglaterra, como a nação em que esse desenvolvimento se manifestou em mais subido grau, foi a que mais depressa sentiu a necessidade de dar expansão aos productos da sua poderosa actividade industrial; d'ahi lhe resultou, consequentemente, o recrudecimento dos seus velhos sonhos imperialistas. A febre de conquistar mercados impelliu-a para a expansão colonial, e foi a Africa, o grande continente inexplorado nas suas mysteriosas regiões equatoriaes, que mais tentou as cubiças do seu genio punico.

Da Inglaterra sahem viajantes illustres que se lançam arrojadamente á empreza de desvendar os segredos e maravilhas encerradas no interior de Africa. Livingstone, realizando a sua primeira viajem scientifica de reconcimento ao interior de Africa austral, teve a felicidade de ver os seus esforços coroados do mais ruidoso exito. Nessa travessia, que foi no sentido de oeste-leste, Livingstone atravessou e reconheceu os sertões da nossa provincia de Angola e o interior de toda a provincia de Moçambique, especialmente o delta do Zambeze, que desceu até á Foz. De novo partiu, e nesta segunda travessia o arrojado viajante recebeu de todas as auctoridades e estabelecimentos portugueses que encontrou no seu caminho a mais franca e prestante hospitalidade, com especialidade do nosso grande africanista Silva Porto, que já a esse tempo se achava no Bihé.

Regressando a Inglaterra, Livingstone é convidado pelo governo a voltar á Africa e encarregado de explorar o Zambeze minuciosamente. Para o bom desempenho d'esta missão officiai o governo inglês recommendou ao governo portuguez, o qual, por seu turno, immediatamente transmittiu a todas as nossas auctoridades de Africa ordens precisas para que ao viajante se dispensassem todas as felicidades e attenções, o que ellas realmente fizeram, como é proprio do caracter portuguez e como o proprio Livingstone confessa com reconhecimento nos seus relatorios.

Comtudo, Livingstone, logo que chegou a Inglaterra, proclamou em altos brados que nas colonias portuguezas se fazia escravatura e accusou as proprias auctoridades de favorecerem esse ignobil trafico. Isto, além de pretender ainda amesquinhar-nos como colonisadores, descendo á petulancia indigna do seu nome de dar-se como o explorador do Chire e descobridor do Nyassa, apesar de taes reconhecimentos já estarem feitos pelo portuguez Candido da Costa.

Mas as palavras do glorioso explorador, que bem podéra ter deixado de macular o seu nome com tão extranha deslealdade e ingratidão para com aquelles de quem só recebera obsequios e valiosos auxilios, calaram no espirito dos povos civilisados, e chamaram sobre o nome de Portugal a indignação da Europa Fomos qualificados de negreiros, a mais acerba calumnia, porque jámais nação alguma se esforçara com maior empenho na extincção da escravatura Mas as affirmações do aureolado viajante valeram mais do que os indignados protestos do nosso governo e do nosso parlamento, os quaes mal se ouviram por entre o ruido das aclamações que festejavam o explorador inglez.

As attenções em Inglaterra convergiam emfim decididamente sobre o continente africano. O enthusiasmo despertado pelas felizes aventuras de Livingstone estimulou entre os inglêses o ardor pelas emprezas africanas. Outros viajantes se seguiram a Livingstone na exploração e reconhecimento do interior da Africa, entre elles Sepek e Baker que exploraram as regiões comprehendidas entre a costa oriental ao norte de Zanzibar e os lagos Tanganika, Victoria Nyanza, Alberto Nyanza e Basso Narok.

Por fim o governo inglês lançou-se abertamente na politica de expansão africana, o que o levou, como disse Pinheiro Chagas, a tentar systematicamente espoliar-nos (1).

Vamos ver como.

Digamos porém desde já que a Inglaterra, na ancia de adquirir colonias na Africa, se soccorreu de todos os expedientes e protextos. Vimos como Livingstone, calumniando-nos como nação colonisadora, outros viajantes, mas modernamente, o imitaram nesse ingno processo. Cameron e Young, voltando das suas notaveis viajens ao interior dos sertões africanos, realizam em Inglaterra e noutros paizes diversas conferencias, nas quaes reeditaram as gratuitas affirmações do sou compatriota dizendo que Portugal era um paiz de negreiros.

Parece por estas insistentes accusações que a Inglaterra nunca fez escravatura. No emtanto sabe-se o que a seguir relatamos, extrahido de um livro recente e a muitos titulos notavel e de notas diplomaticas do barão da Ribeira de Sabrosa e do visconde de Sá da Bandeira.

•

Deixando de parte algumas notas curiosas sobre a escravatura branca, exercida em grande escala na Gran-Bretanha durante a edade-média, o que constituiu nessa epoca, segundo o depoimento insuspeito de Mac-Culloch, o principal artigo de exportação do paiz, temos, pelo que se refere à escratura africana, que em 1711 o governo britannico obteve da Hespanha o monopolio, que se chamou *del assiento*, do fornecimento de escravos negros ás colonias hespanholas, monopolio que já havia sido concedido aos flamengos por Carlos V. O rei de Inglaterra tinha a quarta parte dos lucros desse monopolio (2).

Desde 1700 até 1786 foram levados para a Jamaica, segundo outro testemunho insupeito, o de Brian Eduards na sua *Historia da India Occidental*, mais de 600:000 negros por navios inglêses.

Em 1788 os negociantes de Liverpool e Bristol representaram contra as medidas de Pitt apretadas ao parlamente em favor dos negros, pois que calculava uma média annual de 30:000 escravos que os inglêses tiravam da Africa, dos quaes reservavam 2 :000 para o trafico que entretinham com os paizes estrangeiros (3).

Em 1788 havia nas possessões inglêsas da America 410:000 escravos. Desde 1730 até 1779 só do porto de Liverpool sahiram 2:000 navios negreiros para a Africa, d'onde levaram 344:000 escravos: e desde 1789 a 1819, isto é, já muito depois de haver principiado a cruzada abolicionista e o governo inglês ter decretado medidas prohitivas d'esse commercio e estabelecido penas severas para os que se entregassem a elle, os navios inglêzes transportaram para a ilha de Cuba 300:000 negros, dos quaes 50:000 morreram na viagem.

Ainda em 1826 os propr os cruzadores inglêses tiveram que apresar a corveta *Orpheu*, pertencenta á marinha britannica, por levar seu bordo quatrocentos negros carregados de forros (1).

Ainda em 1838 o ministro inglês no Rio escrevia a Palmerston dizendo-lhe que muito capital inglêz se achava empregado no trafico dos negros e que as casas britannicas permittam aos negociantes dos escravos comprar a credito, mediante o praso necessario para a empreza, completada a qual elles pagavam a divida das fazendas.

Os juizes ingleses da commissão mixta da mesma cidade do Rio tambem por esse tempo se queixavam do *grande numero de negociantes inglezes que se entregavam ao trafico da escravatura*, e de algumas casas de commissões Liverpool, Leeds, Manchester e Bermingham venderem fazendas proprias para o trafico dos escravos por preços condi-cionaes (1).

Por seu turno, Towley Buscton, na sua obra sobre o trafico da escravatura, calcula que as fazendas exportadas da Inglaterra só no anno de 1836, eram suffícinte para a compra de 187:500 escravos, e affirma que em Glasgow se fabricavam fazendas exclusivamente para o trafico da escravatura, sahindo muitas d'essas fazendas pelos portos de Bermingham, Ceeds e Livrpool. E o mesmo escriptor calcula que a Inglaterra fazia annualmente um negocio de 200:000 a 250:000 escravos (2).

E era a Inglaterra que accusava os portuguezes como negreiros!

Mas temos mais.

Em 1869, isto é, quando precisamente a pouco nobre Inglaterra nos fulminava com o epitheto injurioso de traficantes de negros, e concitava contra nós a animadversão dos povos civilisados, o governador de Moçambique, Fernando da Costa Leal, teve de proceder com toda a energia contra a corveta de guerra inglêsa *Daphne* que entrara naquelle porto e, a pretexto de embarcar criados, mettera a bordo pretos não libertos.

O commandante da *Daphne* só obedeceu ás intimações do governador português, desembarcando os escravos, *para evitar o grande escandalo* que o caso produziria na Europa, se persistisse em querer resistir (3).

Em 1864 tambem Francisco Travassos Valdez, membro da commissão mixta de Angola e do Cabo, declarava em documento official que a *base do commercio inglês que então ali se fazia por intermedio de agentes Mouros era a escravatura.*

Por todos estes factos se vê com que auctoridade moral a Inglaterra nos apontava ao mundo civilisado como os escravisadores da raça negra.

Era evidentissimo o proposito de nos desacreditar como colonisadores. Já em 1840 Sá da Bandeira, indignado com o celebre *bill* que lord Palmerston tivera o arrojo de submetter á approvação

---

(1) *Os portugu[illegible] na Africa, Asia*, etc.

(2) Nota dirigida em 11 de setembro de 1839 pelo barão da Ribeira da Sabrosa, ministro dos negocios estrangeiros, ao embaixador inglês em Lisboa, lord Howad, sobre a questão da escravatura e em resposta ás reclamações da Inglaterra.

(3) José d'Arriaga—*A Inglaterra, Portugal e suas colonias*

Nota de 22 de maio de 1838 dirigida pelo Visconde de Sá do Bandeira ao ministro inglês Howard sobre a questão da escravatura.

---

(1) *A donominação inglêsa em Portugal*—anonymo.

(2) Nota do barão da Ribeira de Sabrosa ao misnistro inglez Howard em 11 de setembro de 1839.

(3) José Arriaga, *Inglaterra, Portugal* etc.

(3) Pinheiro Chagas—*Os Portuguêses*, etc.

do parlamento britannico para que o governo inglês fosse auctorisado a mandar capturar todos os navios portuguêzes *suspeitos*, dizia, referindo-se ás accusações contra Portugal, que o mesmo Palmerston proferiu em defeza do *bill*: «aquellas accusações apenas podem ser consideradas como *pretextos creados pelo nobre lord, para fins alheios aos da suppressão do trafico da escravatura*; pois que não podem ser senão em detrimento de Portugal, visto que, para se conseguir o que e justo e honesto, não se carece buscar meios violentos e injustos (1)».

Era assim mesmo. A Inglaterra, quando tem em mira a realisação de qualquer projecto de largo alcance para os seus interesses politicos ou mercantis, não olha aos meios—tudo lhe serve, seja honesto ou deshonesto, seja leal ou desleal, seja indigno ou cobarde. E' a historia, são os factos de todos os dias que no-lo dizem.

Mas, emfim, as calumnias e os insultos da Inglaterra tiveram para nós um merito de nos fazer olhar com mais attenção e mais interesses para as nossas riquissimas possessões da Africa,

(Do Instituto).

Affonso Ferreira.

(1) O Trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston.

Partido Regenerador

No domingo passado reuniu, em assembleia geral, o partido regenerador d'este concelho, para o fim de eleger chefe e a commissão executiva.

Presidiu a essa reunião o snr. dr. Sobreira, servindo de, secretarios os snrs. dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, abbade d'esta freguezia e dr. Tavares.

Foram eleitos para chefe o snr. Conselheiro Campos Henriques, e para a commissão executiva os snrs. dr. Sobreira, dr. Lopes, dr. Descalço, dr. Tavares eIzaac Silveira.

Não assistimos a essa reunião com tudo soubemos que despertaram as attenções a presença dos srs. drs. Chaves, Francisco d'Oliveira Lopes e Affonso José Martins.

O primeiro declarou que a sua presença não importava por forma alguma a sua filiação no partido. Comtudo tinha por elle tal sympathia, devida, sobretudo, á tradicção da sua familia, e á amizade pessoal e consideração pelo sr. conselheiro Campos Henriques que, se tivesse de auxiliar algum partido monarchico em qualquer lucta, esse auxilio sómente o dava ao partido regenerador.

Os outros dois presentes e notados, nada disseram, mas ouviram.

Fazem parte da commissão municipal e são assim pseudo-vereadores, como tambem alguem os considerou pseudo-regeneradores, e com razão.

Desde que o chefe d'um partido dá uma ordem, como a deu o snr. Conselheiro Julio de Vilhena, prohibindo aos seus correligionarios, que fizessem parte das commissões administrativas, evidentemente, que aquelle que transgredir essa ordem, fica, *ipso facto*, excluido do partido.

Quem não se conforma com as ordens superiores dos dirigentes de qualquer aggremiação, o unico caminho, que tem a tomar, é sahir de aggremiado.

E, demais na presente conjunctura o procedimento d'aquelles, dois pseudo-regeneradores só pode prejudicar o partido.

E sabido que elles justificaram o seu acto, dizendo que haviam acceitado os cargos unicamente para servir o partido regenerador visto a maioria da commissão ser da politica do seu partido.

Aqui está o engano, porque a commissão foi escolhida á imagem e semilhança do *dissidente multicolar*, e sendo este o seu mentar, necessariamente, ha-de haver descalabro, e grande, nas finanças municipaes.

E como a maioria da commissão se declara regeneradora, é manisfesto, que o partido regenerador tém de aguentar com as responsabilidades d'uma administração perniciosa, como é de prever.

Senão, haja vista o inicio do programma desbaratador dos contos de reis, que mal e indevidamente lhe deixaram ficar no cofre municipal, para serem désperdiçados, por quem não tem o menor amor á nossa terra, sua madrasta, pois são estranhos, são enteados.

Tracta-se d'um mercado para valorisar a propriedade d'um dos taes *enteados*, e augmentar lhe o negocio; tracta-se d'uma estrada inutil para o povo, mas conveniente para o tal *estranho*.

Nada temos com o procedimento dos politicos; mas, por que concordamos, em absoluto, com as phrases embora amargas, mas verdadeiras, que alguns regeneradores proferiram relativamente, aos seus pseudo-correligionarios, não podemos deixar de não as appoiar calorosamente.

Mesmo, porque a nossa alma chora, como a d'elles, ao vêr que os filhos de Ovar estão a ser dirigidos e administrados pelos estranhos.

A nossa unica consolação, é que, não fomos nós que lá os collocamos, mas sim a força bruta.

NO LUMIAR

Era um dia de abril; a primavera
Mostrava apenas seu virginio seio
Entre a folhagem tenra; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso inleio
Da nevoa rara e fina que extendêra
A manhan, sobre as flores; o gorgeio
Das aves inda timido e infantil...
Era um dia de abril.

E nós iamos lentos passeando
De vergel em vergel, no descuidado
Socêgo d'alma que se está lembrando
Das luctas do passado,

Das vagas incertezas do porvir
E eu não cançava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem devéras
Aquelle duque - alli maior ainda,
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,
A qual mais bella e de mais louge vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim, e as relvas tão mimosas,
Tão suaves ao pé—muito ha cançado
De pisar alcatifas ambiciosas,
De tropeçar no perigoso estrado
De vaidades da terra.

E o velho duque, o velho homem d'Estado,
Ao fallar d'essa guerra
Distante—e das paixões da humanidade,
Surria malicioso
D'aquelle surrir fino sem maldade,
Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos labios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.
E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Joven, só esse amor.

Tão joven, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da innocencia!...
Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me invergonhava.
—Passeavamos assim, e em reflectida
Meditação tranquilla descuidados
Iamos sós, ja sem fallar, descendo
Por entre os velhos olmos tam copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astros do ceu, a fórma que se erguia,
Sôbre todas gentil, d'essa extrangeira
Que se esperava alli. Perfeita, inteira
No velho amavel renasceu a vida
E a graça facil. Cuidei ver o antigo
O nobre Portugal que resurgia
No venerado amigo;
E na formosa dama que sorria.
O genio da subida,
Rara e fina elegancia que a nobreza.
O gosto, o amor de Bello, o instincto da Arte
Reune e faz irmãos em toda a parte;
Que affere a grandeza
Pela medida só dos pensamentos,
Do stylo de viver, dos sentimentoss,
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que ao saudar o velho illustre
Em seus ultimos dias
E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse genio...Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez—que, á mingua de fe, sinto
O cerebro gelar me na cabeça
Porque no coração o fogo é extinto.
Elle não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

—Como o nobre corcel que invelheceu
Nas guerras, ao sentir o aureo telim
E as armas sobre o dorso descarnado,
Remoça o garbo, em juvenil meneio
Franja de espuma o freio,
E honra os brazões da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
Nem os olhos, as fallas, e a sincera
Admiração da bella dama ingleza
Por tudo quanto via;
O fructc, a flor, o aroma, o sol que os gera,
E esta vivaz, vehemente natureza,
Toda de fogo e luz,
Que ama incessante, que de amar não cança,
E continua produz
Nos fructos o prazer na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,
Alli as varias linguas se fallaram;
A Europa convidada
Veio ao festim—não ao festim, ao preito.
Vassallagem rendida foi prestada
Ao talento, á belleza,
A quanto n'alma infunde amor, respeito,
Ao que é deveras grande:—que a grandeza
Os homens não a dão;
Põe-da por sua mão
N'aquelles que são seus,
Nos que escolheu—só Deus.

Oh! minha pobre terra que saudades
D'aquelle dia! Como se me aperta
O coração no peito co'as vaidades,
Co'as miserias que ahi vejo andar álerta,
A solta apregoando-se! Na intriga,
Na traição, na calumnia é forte a liga,
È fraca em tudo o mais...

Tu socegado
Descança no sepulchro; e cerra, cerra
Bem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vai por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
Na memoria a tua imagem
E a d'essa bella Ingleza que se esquiva
De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parthenope. Cançado,
Fito n'esta miragem
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado,
Vai o tardio pé
Por este que inda é,
Que cedo não será, bem cedo—em mal!
O velho Portugal.

Garrett.

NOTICIARIO

TEMPO

Depois de dois dias de sol explendido, soffremos, novamente, o desgosto de nos vermos debaixo da maldita praga da chuva.

Mais uma vez fomos illudidos, pois que julgavamos já terminado o mau tempo, mas, segundo o que nos parece, temos chuva *para peras*, como se costuma dizer.

A vespera e dia de *Reis* passaram com um tempo explendido, pois foram estes os dois unicos dias que tivemos de sol—e vá... que já foi andar com sorte!...

Porém, o dia 7 já se apresentou *carrancudo*, *morrinhento*, o que não admira, porque, depois de dois dias de *borga* e de... mais alguma cousa, a gente tem, fatalmente, que se apresentar *trombudo*—e foi o que se deu com o tempo.

Bom era que houvesse uma reforma geral em todos os *tempos*, porque estes estão muito maus.

Confessamos que já temos *muitas saudades* do bom tempo; mas *coragem* que elle voltará...

PESCA

Houve, durante a semana finda, trabalho de pesca, na costa do Furadouro, sendo o producto de pouca importancia, e a pesca muida.

No dia 17 é «lua cheia».

Se a chuva continuar, podemos já garantir que é cheia de... chuva.

Porém, se viér o bom tempo, podemos tambem garantir que ha-de ser cheia... advinhem de quê se quizerem ..

UMA AVENTURA ROMANESCA

Relatam jornaes de Bordeus:

Ha mezes, Mlle. Branca X..., de 16 annos, encontrou em Auch, aonde vae passar alguns dias por anno, em casa d'uma sua parenta, uma mulher coberta com um veu e de apparencia mysteriosa, a qual lhe entregou secretamente uma carta, recommendando-lhe expressamente que não a lêsse senão quando voltasse a casa.

A rapariga, mal chegou a Bordeus, leu a carta cujo contheudo a encheu d'espanto.

«Seu pae,—diziam-lhe,—não é o homem a quem até hoje tem dado um nome: é Z.., director d'um estabe ecimento social bem conhecido em Bordeus».

M.lle X guardou cuidadosamente a carta n'um contador e não disse a ninguem uma palavra sobre o seu contheudo. Um d'estes ultimos dias, ao sahir de casa, encontrou-se novamente face a face com a dama velada, e, após uma troca de palavras insignificantes, esta declarou-lhe que o seu verdadeiro pae tinha o mais vivo desejo de abraçal-a, fixou-lhe uma entervista para o dia seguinte, n'um bairro pouco frequentado da cidade. A jovem acquiesceu, e encontrou-se, no logar designado, com o desconhecido que, depois de a ter primeiro persuadido de que ella não correria perigo algum, a agarrou violentamente pelos pulsos, tentando leval-a comsigo á força. A rapariga debatia-se e gritava por soccorro, conseguindo por fim fugir.

Num pulo encontrou-se na estação do caminho de ferro e regressou a casa dos paes, que impacientemente a esperavam desde a hora do almoço.

Porém, a mãe notou que ella tinha nos pulsos arranhaduras e signaes de violencias e interrogou-a ácerca do occorrido, conseguindo só com muita difficuldade arrancar-lhe a narrativa da sua aventura.

RALHO DE COMPADRES

N'um dos dias da semana finda, houve rija peleja de lingua, entre dois francos franquistas, pelo motivo d'um d'elles ter assistido à reunião do partido regenerador.

Disseram-se, reciprocamente, coisas bonitas; mas, ficaram amiguinhos, como d'antes, mesmo porque o mais exaltado tem que continuar sob a pressão do outro.

Se não fosse isso, de certo cahiria o Carmo, mais a Trindade.